

A CULTURA NO GRILO: UMA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBOLAS

Elane Cristina do Amaral

Graduada em História pela UEPB, Aluna de Especialização em História do Brasil/Paraíba pela FIP
e-mail: enale13@yahoo.com.br

Janielly Souza dos Santos

Graduada em História pela UEPB, Aluna de Especialização em História do Brasil/Paraíba pela FIP
e-mail: janiellysouza@yahoo.com.br

A comunidade remanescente de quilombolas o Grilo, se localiza na zona rural do agreste paraibano, precisamente no município do Riachão do Bacamarte. O lugar é habitado por 180 famílias, onde segundo alguns desses moradores o nome Grilo se originou por causa de um poço que ai existia, no qual as pessoas se aglomeravam para pegar água no tempo da seca, outros ainda dizem que por haver muitos grilos neste poço o lugar recebeu este nome.

Ao refletirmos a cultura neste limite espacial o qual é a comunidade remanescente de quilombolas, o Grilo, faz-se necessário analisarmos neste contexto, uma das práticas que apesar de atualmente ser pouco realizada nesta comunidade, está muito presente na memória de alguns dos indivíduos que vivem nesse local. Estamos nos referindo á dança da ciranda, uma manifestação cultural posta como um “divertimento” passado pelos integrantes dessa tradição quilombola.

Deste modo, é exatamente por intermédio das memórias colhidas dos quilombolas que podemos perceber as singularidades desta cultura. Sobre a abordagem cultural Pesavento nos coloca que:

“Em termos gerais pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois decifrar a realidade do passado por meio das suas representações. Tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressam a si próprios e o mundo.”

Assim, a dança da ciranda praticada na comunidade o Grilo era uma forma de divertimento que unia a comunidade através de uma mesma manifestação – a dança. Esta manifestação cultural em comum vai ser apropriada como uma forma dessas pessoas exprimirem a si próprios e ao mundo a sua volta. Neste panorama, percebe-se que não só a dança em si como manifestação corporal será um componente em que as pessoas vão se identificar, como as letras das músicas também será outro fator de identificação desses grupos.

Partindo da compreensão de que a cultura é produzida no âmbito de práticas comuns que unem e representam um grupo, percebemos na dança da ciranda um elemento identificador desse grupo.

Ao analisar a importância que a dança da ciranda desempenhou como um momento de divertimento e de trocas de sociabilidades, numa comunidade basicamente de agricultores, podemos perceber, sua relevância, a qual era geralmente realizada nos fins de semana depois de uma semana inteira de forte trabalho braçal. Ao entrevistarmos Dona L.C.T. 63 anos, ela nos coloca que:

“É fia, a gente passava o dia todo no roçado, naquele sol quente danado, quando chegava o dia da ciranda, era bom de mais, porque ali agente ganhava força pra começá ôta semana.”

Assim, é através dessas memórias que podemos identificar o sentido que a ciranda vai assumir para as várias pessoas desse grupo, memórias estas ainda muito fortes nas mentes destas pessoas. Segundo Lê Goff:

“A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.”

Dessa forma, ao contar sobre esse seu passado é como se as pessoas estivessem o revivendo, no momento em que estão buscando através das suas funções psíquicas estas memórias.

Neste contexto, a ciranda vai ser uma prática de refúgio dos problemas do cotidiano, um momento de “brincadeira” como afirma alguns remanescentes quilombolas, momentos estes que inclusive se davam as paqueras e os namoros.

A ciranda como modalidade para adultos teve seu surgimento em Pernambuco a partir de 1950 e posteriormente passou a Paraíba. Mas a origem da dança em si é bem anterior e por ter sofrido influências de vários povos, não existe uma única abordagem sobre sua origem, assim alguns autores divergem quanto a sua origem. De acordo com Pimentel:

“Conclui, assim, que de roda de adultos em Portugal, passou a ciranda ao Brasil como ronda infantil. Lembra ainda, Luís da Câmara Cascudo em favor da origem portuguesa: ‘ Se a roda girar de mãos dadas a origem não é africana, nem ameríndia. É da Europa.’ ”

É interessante ressaltar que antes da ciranda de adultos, o que se tinha em Pernambuco era o coco de roda, assim, a ciranda foi aos poucos tomando seu lugar e por isso mesmo acabou sofrendo muitas influências do coco.

“[...] O *Coco de Roda*, em virtude mesmo de sua origem entre os negros dos Palmares, conserva uma sensualidade muito evidente, a partir da umbigada, enquanto a *Ciranda de Adultos* é marcada pela ingenuidade dos movimentos e dos cantos, sempre de temas amorosos, mas a nível poético.”

No tocante a comunidade o Grilo pesquisada essa realidade não foi muito diferente, pois apesar de se tocar o coco nesta localidade o que era mais nítido nos anos 60 e 70, ou seja, o que era mais dançado era a ciranda.

Ao caracterizarmos a ciranda, apesar de suas ramificações e influências, podemos vislumbrá-la como uma dança de roda de mãos dadas que avança para o centro e recua. O canto é realizado pela parte solista e a coral. O (a) mestre cirandeiro (a) canta a parte solista, e os demais participantes, o coro. Os instrumentos geralmente são dois zabumbas e um ganzá.

Este tipo de ciranda de adultos citada acima, segundo Pimentel se originou em Pernambuco e passou a Paraíba. É interessante ressaltar, que é mediante este modelo de ciranda que podemos enquadrar a ciranda dançada no Grilo.

Assim, a ciranda presente na memória das pessoas da comunidade, é colocada como um festejo de muita alegria, mas também que trás certa melancolia, saudades. Dona M.D.C.T. 81 anos, fala sobre o mestre cirandeiro:

“- Era Dedé o puxador?

- Era ele, ele cantava assim, ele começava com aquela roda de gente arrudiada, ele batia no bombo “tom tom” (ela faz o gesto batendo). Tinha uma pessoa perto dele, era comadre Teresa que ficava de perto dele, ele cantava assim, e os zoto tudo pegado perto um do odo, aí ele cantava:

Cirandeira você é a maior

Quede a caixa de pó

Que o teu namorado deu?

Ela fazia:

Oia pra eu não quera me envergonhá

Sou dona desse lugá

Ciranda quem tem sou eu

[...]

E as mulheres tudo dançando e arrudiando, dançando e arrudiando, vige maria, era muita gente, depois acabou, tudo no mundo se acaba né?.”

Na fala de Dona M.D.C.P., podemos perceber as marcas de um passado que ela se alegra em contar, e mais, um passado coletivo, onde suas relações sociais são visíveis, o puxador Dedé, a comadre Teresa e as mulheres, são alguns dos que em sua fala estão presentes em sua memória. De acordo com Henry Rousso:

“[...] A memória, para prolongar essa definição lapidar, é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional.”

Dessa forma, a memória neste sentido, longe de apresentar o passado de uma única pessoa vai mostrando um convívio, o cotidiano, os laços de sociabilidades de todo um grupo, que neste contexto estavam inseridos em um mesmo foco cultural.

Podemos ainda observar na fala de Dona M.D.C.T., o quanto o coco foi precursor da ciranda nessas comunidades negras, pois dona M.D.C.T. que hoje tem 81 anos, o relembra ainda nos seus tempos de criança.

“Então meu avô chamava tio Justião para cantar coco lá na casa dele, então ia muita gente, ele cantava:

O pau rolou caiu

No meio da mata

Ninguém viu

E eu era pequena e ficava olhando aquilo assim, eu achava bonito, ele era um negão alto[...]Mas quando ele saía eu conversar com meu avô, aí eu dizia:

- Ô vovô, mestre Justião parece um doido sapateando aí no terrero cantando: Rolou caiu no meio da mata ninguém viu. Que conversa desmantelada é essa vovô? (risadas) vovô dizia:

-Deixa disso menina, isso é divertimento.

Deste modo, nós podemos perceber que tanto o coco como a ciranda, foram danças praticadas pelos negros como formas de divertimento. Nestas memórias analisadas, nos percebemos o quanto estas danças foram importantes nestas comunidades como fator de integração e de união entre os membros da comunidade.

Para além das memórias aqui citadas, nós também percebemos que a ciranda foi uma forma de expressão de contato com o outro, uma tradição oral na qual as pessoas transpareciam com sua emoção, com sua alegria, seus sentimentos e sua relação com a sociedade, pois a ciranda parte de um lugar, lugar este no qual as pessoas de certa forma constroem uma identidade comum, como por exemplo, o ser negro, nesse caso é um fator identificação. Para Pesavento:

“ [...] Enquanto representação social, a identidade é uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da idéia de pertencimento. A identidade é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e estabelece a diferença.”

É justamente vislumbrando a dança da ciranda como um elemento de coesão social que podemos compreendê-la como um elemento agregador dentro da comunidade o grilo.

Outra prática cultural nessa comunidade que foi bastante marcante diz respeito ao festejo do dia do casamento entre as pessoas da comunidade, segundo a moradora Leonilda Coelho Tenório dos Santos, 44 anos:

“A comunidade monta um pavilhão pra festa dos noivos todo mundo ajuda, pra entrar na festa cada um paga uma quantia, esse dinheiro fica pros noivo pra ajudar m alguma coisa.”

Não se sabe ao certo, se este é um costume apenas dessa comunidade ou desenvolvido apenas na mesma, mas é interessante observar os laços de sociabilidades ai existentes, laços estes que são reforçados pela identidade étnica dos moradores.

“Como integrantes do imaginário social, as representações identitárias são matrizes de práticas sócias, guiando as ações e pautando as apreciações de valor.”

Costumes como este, em comunidades pobres, rurais, geralmente de agricultores, são demonstrações de como estes grupos marginalizados encontram em suas próprias comunidades formas de apoio coletivo nos momentos difíceis e importantes do cotidiano.

De modo geral a comunidade o Grilo é marcada pela agricultura de subsistência, ou seja, a maioria dos habitantes vivem da agricultura, segundo alguns moradores a agricultura é para eles se alimentarem e quando podem vendem alguns dos alimentos cultivados para ajudar nas despesas cotidianas.

Neste âmbito de produção eles trabalham o barro, produzem desde o tijolo até utensílios que usam no dia-a-dia e também o fazem para vender. Esta arte por muito tempo foi uma das características do grupo sendo este conhecimento passado de geração para geração, atualmente esta prática também esta em declínio e não tem o mesmo significado de importância para o grupo.

Quanto á religiosidade dessa comunidade, este é um campo bastante complexo que ainda necessita de um maior aprofundamento nesta pesquisa, Entretanto, diante mão, o que podemos afirmar é que não existe uma única religião presente nesta comunidade. Ao contrário existe varias.

A religião Afro é um tabu na comunidade, muitos se dizem católicos uma outra grande parte aderiu ao protestantismo. Para Pesavento:

“As identidades são múltiplas e vão desde o eu, pessoal, construtor da personalidade, aos múltiplos recortes do social, fazendo com que um mesmo indivíduo superponha e acumule, em si, diferentes perfis identitários.”

Assim, se a comunidade por alguns fatores como a etnia, se encontram dentro de uma coesão, por pertencerem a uma tradição quilombola, por outro lado existem certos distanciamentos em suas práticas as quais fazem com que os remanescentes de quilombolas busquem para si identidades diferentes.

E é dentro deste quadro complexo, ao que se refere á religiosidade desse povo, que tem-se ai as personagens das rezadeiras, figuras importantes no contexto dessas comunidades rurais, pois elas agregam conhecimento de plantas medicinais com fé religiosa. De acordo com Souza:

“As curas encontram-se inseridas em experiências que envolvem conhecimento empírico, fé religiosa, cultura material e simbólica, Sendo realizadas, quase sempre, sob a exigência de determinada dedicação do doente ás recomendações de devoção e fé indicadas pelas rezadeiras e curandeiros.”

Ao indagar à senhora Leonilda Coelho se existem rezadeiras na comunidade o Grilo ela nos coloca que:

“Existe sim rezadeiras aqui. Eu mesma cansada e sentindo dores fui rezada e fiquei boa logo em seguida. A reza cura mesmo.”

Deste modo, percebe-se que apesar das várias religiões, a crença e o conhecimento popular como no caso das rezadeiras, ainda permanecem vivo dentro desta comunidade quilombola.

Em linhas gerais, podemos constatar que as práticas culturais na comunidade remanescente de quilombolas no município do Riachão do Bacamarte, é marcada pela

memória do que se produziu no passado, mas também pelas práticas que ainda permanecem como eixo identificador dessa comunidade. Como nossa pesquisa ainda se encontra em andamento, nosso objetivo é problematizar os dois lados, a cultura antes praticada que ainda é viva nas memórias das pessoas e a cultura que no presente esta sendo vivida.